



Leste de Angola, Janeiro de 1973

Desde há quatro anos, que cada uma das três facções do MPLA – *institucional* de Neto, *intelectual* de Andrade e *operacional* de Chipenda –, tem procurado sobreviver no interior de Angola, em coligação ou fusão com outros grupos guerrilheiros; ao mesmo tempo no exterior, o *comité director* netista continua desesperadamente a tentar obter notoriedade internacional, lançando da sua base congoleza de Dolisie pequenas incursões esporádicas sobre o enclave de Cabinda, para criar a ilusão de instabilidade na extracção petrolífera.

Com semelhante intuito, grupos da UNITA saídos da sua área de confinamento pela *Operação Madeira*, têm tentado perturbar no leste distrital da Huíla a exploração mineira do Cassinga, enquanto no nordeste da Lunda a FNLA tentou avançar da região *tchokué* para sul, infiltrando na exploração da *Diamang* alguns grupos, o que levou Savimbi – como consequência da formação do CSLA e da previsão de acções conjuntas FNLA/MPLA –, a ter enviado um mensageiro a Kinshasa avisando o seu rival para que não passasse à zona *ovimbundo*, ameaça ignorada pelo chefe da FNLA e que levou Savimbi a informar as tropas locais portuguesas, as quais atacaram os bandos armados *bacongos* e lhes causaram grandes baixas em mortos e prisioneiros.

Desta forma, a única guerrilha armada que se mantém no interior leste é constituída pelo pequeno grupo de Savimbi, embora confinado à *Operação Madeira*, controlada pelo comando da ZML cujas sucessivas e bem coordenadas operações militares já haviam empurrado o que restava do MPLA para além da fronteira zambiana, de onde alguns grupos de guerrilha passaram então a efectuar incursões pontuais com meia centena de quilómetros de profundidade em território angolano. Anteriormente, a referida fragmentação da guerrilha do MPLA causou a total desarticulação do seu aparelho político no interior da Zâmbia, onde persistem cisões, dissidências e atentados contra as chefias, forçando o comandante Daniel Chipenda a abandonar a 3^ªRPM e tendo levado consigo o *Esquadrão Angola Livre*, chefiado por Manuel Ngolietu Muti, refugiando-se na Zâmbia não sem antes os partidários de Agostinho Neto terem liquidado alguns rivais.

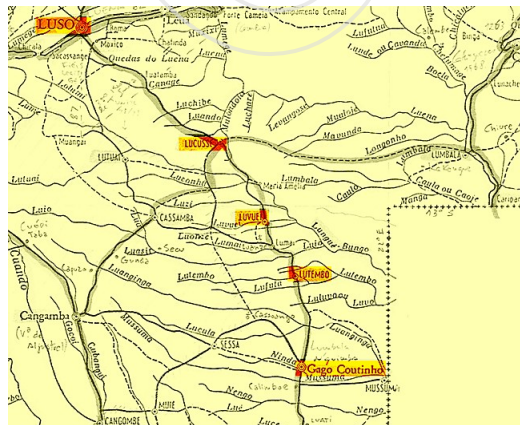
- «O acordo [da formação do CSLA em 13Dez72] foi celebrado: por ele se operava uma divisão de funções entre as duas organizações, principalmente na zona norte e em Cabinda. [...] Uma coisa porém foi a celebração do acordo; outra a sua execução. Os dois chefes terroristas continuavam a odiar-se cordialmente e as rivalidades de fundo entre os dois movimentos continuavam a existir. O acordo foi assinado com reserva mental e tanto Holden Roberto como Agostinho Neto pretendiam apenas aproveitar-se dele como instrumento de domínio do movimento chefiado pelo rival. Por sua vez, Mobutu continuava ligado a Holden e nunca tencionara cumprir honestamente aquilo a que se obrigara em matéria de concessão de facilidades ao MPLA. A situação deste piorou em virtude de graves dissidências internas, levando à formação de duas facções rivais: uma chefiada por Agostinho Neto; e outra capitaneada por Chipenda, que não concordou com a celebração do acordo. Este último refugiou-se na Zâmbia com os seus partidários, não conseguindo porém evitar que alguns deles houvessem sido chacinados pelos adeptos de Agostinho Neto.»¹
- «Os problemas do Movimento começaram a complicar-se cada vez mais, chegando-se mesmo a uma situação em que a frustração dos quadros e o descontentamento no seio dos militantes era de tal ordem, que no princípio de 1973 a actividade político-militar do Movimento estava parada.»²
- «Em 1973 e 1974, não eram só os mísseis SAM que não tínhamos [no MPLA]. Faltavam inclusive as munições para as 'Kalashnikov', porque nos era exigida a unidade com o Chipenda. Desde [início de] 1973 que a União Soviética não nos dava munições.»³
- «Em 1973, era quase impossível ficar dois dias no mesmo local, porque a tropa dos comandos era eficiente. Quero dizer que os vossos comandos foram muito mais eficientes do que [pós-75] os comandos cubanos. [...] Os comandos portugueses tinham uma táctica que desestabilizava a UNITA. Perdemos muita gente neste combate. [...] Os nossos ataques eram poucos, mas eram ataques feitos segundo o tipo de guerrilha chinesa. Podíamos passar dois meses só a observar o adversário, sem atacar, mas quando atacávamos conseguíamos resultados.»⁴
- «Nos princípios de 1973, em relação a nós a UNITA estava militarmente neutralizada, mantendo no entanto o controle da região [Lungué-Bungo] onde se instalara e conservando uma notável capacidade de combate, embora com condicionamentos.»⁵
- «Seria negar a evidência, insistir em que a luta poderia manter-se com as capacidades das Forças Armadas destacadas, se os indígenas se tivessem aliado aos movimentos chamados de libertação. Decrescera o número de operações e diminuíram, em igual proporção, os acidentes causados pela movimentação das tropas. As estatísticas militares o confirmavam, apesar de omitirem elementos vitais. [...] Chipenda comandava no Leste, trinta homens armados. [...] Savimbi comandava meia centena de homens armados e fechava os olhos aos produtores de madeira, que circulavam livremente e lhe pagavam tributo. Quer o MPLA, quer a FNLA, quer a UNITA, reconheciam que tinham desencadeado uma guerra sem futuro, porque os países estrangeiros principiavam a dar indícios de saturação pelo auxílio que, em pura perda, vinham prestando aos guerrilheiros.»⁶

5ª feira, 4 de Janeiro

Noite de lua-nova: a sul do Lucusse, onde o BArt3881 está aquartelado, o posto administrativo do Luvuei – guarnecido desde Abr72 pela CCav3517 –, é cercado por um esquadrão do MPLA com 95 efectivos, que procedem a intenso ataque de *rockets* e antes do amanhecer retiram em direcção à fronteira.

A situação é prontamente comunicada ao comando da ZML.

No Luso ao romper da alvorada, o 3º grupo de combate da 37ºCCmds segue aerotransportado em Nordatlas até ao aeródromo de Gago Coutinho e dali helitransportado em três *Alouette-III* dos *Saltimbanco*s, para oriente do Lutembo, onde iniciam a perseguição aos terroristas que, ao ser localizados, abrem fogo sobre os helicópteros e inutilizam dois aparelhos, atingem com gravidade o comandante da esquadrilha de AL-III capitão piloto-aviador Custódio Janeiro Santana e ferem vários *comandos*. Mas, durante a apressada retirada da LZ – com o capitão gravemente ferido⁷, *comandos* feridos e os terroristas nas imediações –, ficam no terreno oito *comandos* e o seu comandante, alferes cmd J. A. dos Santos.



6ª feira, 5 de Janeiro

Ao alvorecer, saem do AR44-Luso helitransportados outros dois grupos de *comandos*, com o alferes cmd Jorge 'Gurka' Galvão, rumo ao Lutembo: supondo mortos ou capturados pelo MPLA o alferes Santos e os oito *comandos* que ontem ficaram no chão, os dois grupos seguem dali a pé rumo à Zâmbia, no intuito de fazer um golpe-de-mão sobre a base transfronteiriça do MPLA, em Cassanbinga.

Antes de alcançar aquela base recuada do IN, dão conta da aproximação de uma coluna motorizada, preparam emboscada e na zona-de-morte destroem várias viaturas do exército zambiano, após o que regressam a território português.

Na sequência de mais esta incursão em território zambiano, o governo de Lusaca apresenta queixa na ONU e o Governo português desmente; mas é forçado a limitar na região sul de Angola, a expositiva cooperação dos "primos" sul-africanos.

– «Foi este esquadrão [Cuenhe do MPLA], que as forças portuguesas [36ºCCmds] destroçaram em [08-11 de] Janeiro de 1973, tendo morrido o seu chefe. Também o esquadrão Big-Man sofreu grandes perdas na mesma altura; e dos outros [3 esquadrões do MPLA], só o Mukimbinji se revelou e por uma só vez, quer em Fevereiro quer em Abril, a nordeste de Serpa Pinto. Apesar da intensa actividade das forças portuguesas, os contactos com os grupos do MPLA passaram a ser raros e muitos nativos passaram a apresentar-se, provenientes das regiões [inóspitas do Cuando-Cubango] em que estavam sob controle da guerrilha. [...] A partir de Outubro [de 72] as forças portuguesas, não só [no Cuando-Cubango] não encontravam qualquer guerrilheiro, como também não conseguiam descobrir vestígios deles. O MPLA, que ainda em 1972 [i.e, 71] parecia tão organizado e aguerrido, desagregara-se por completo graças à actividade das nossas forças e às tremendas dificuldades em se reabastecer e remunciar. Esta situação manteve-se até ao final de 1973 e durante todo o primeiro trimestre de 1974. O MPLA abandonara totalmente o sector sudeste, tal como acontecera à UNITA.»⁸

citações:

¹ Joaquim Moreira da Silva Cunha, in "O Ultramar, a Nação e o 25 de Abril", pp.335/6

² Daniel Chipenda, in "Um Só Povo, Uma Só Nação" (mensário do MPLA); Brazzaville, Dez74

³ Artur Carlos Maurício Pestana "Pepetela" dos Santos, in "A Luta pela Independência", pp.254

⁴ Jonas Sidónio Malheiro Savimbi; em 18Mar95, a J.F. Antunes

⁵ José Manuel Bethencourt da Conceição Rodrigues, comandante da ZML; em 25Fev95 (idem)

⁶ Venceslau Pompílio da Cruz, in "Angola - os Vivos e os Mortos", pp.95-98

⁷ evacuado para o hospital militar do Luso, onde vem a falecer na manhã seguinte

⁸ Hélio Augusto Esteves Felgas, comandante do CmdAgr6002; in "Guerra de África", pp.898